

comportamento

ESPECIALISTAS ORIENTAM SOBRE O QUE FAZER PARA EVITAR DANOS MAIS PROFUNDOS EM CRIANÇAS QUE CONVIVEM COM O CÂNCER

Lição de casa

Barriga inchada, dificuldade de ir ao banheiro e febre. Os sintomas que a pequena Raíssa apresentava em 2005, aos 2 anos, fizeram com que seus pais, certa noite, a levassem à emergência de uma clínica. Após lavagem intestinal e muitos exames, o choque: o que para a mãe da menina, a empresária Luciana Viana, parecia ser uma infecção, era, na verdade, um câncer. “Nunca me esqueço do momento em que o médico chamou a mim e a meu marido e falou que havia sido descoberto um tumor, na parede do abdome, já de grande proporção. Foi um grande susto”, lembra Luciana. Se essa notícia faz qualquer pessoa adulta “perder o chão”, como explicar um fato tão grave para quem ainda está nas primeiras descobertas da vida?

A psicóloga Letícia Rotta Barsotti, da Associação de Apoio à Criança com Câncer (AACC), deixa claro que falar de câncer não é uma tarefa fácil, mas que esclarecimento é necessário. “Costumo dizer que se trata de uma doença familiar, porque atinge a todos. Precisamos levar em conta que os pais também estão impactados com a notícia. Mas é preciso ter uma conversa objetiva e honesta com a criança. Ela provavelmente já percebeu que algo diferente está acontecendo. É necessário esclarecer que vai ter remédio, que o cabelo poderá cair, mas que tudo aquilo é para ela melhorar”, diz.

Depois da descoberta, Raíssa passou por um ano de tratamento, com sessões de quimioterapia e radioterapia. “Tudo aquilo doía muito em mim. Existe preconceito. Ela tinha que usar máscara, e

eu via que as pessoas se afastavam, com medo de pegar alguma doença, quando era ela que não podia pegar nada. Era muito difícil explicar tudo aquilo. Ela não entendia por que estava sem os cabelos. Falava que o sonho dela era fazer uma trança”, recorda Luciana.

Letícia ressalta que é muito importante saber ouvir e deixar a criança expressar o que sente. “Não basta somente a comunicação. Tem que se mostrar disponível para escutar, dar atenção a tudo que a criança queira falar sobre seus medos e, acima de tudo, acolher”, aconselha.

LAÇOS DE FAMÍLIA

Luciana teve ainda um desafio extra. Rayanne, gêmea de Raíssa, sentia muita falta da irmã e sua rotina também foi alterada. Ela passou a ficar mais com a avó, enquanto a mãe estava no hospital. “Acho que o fato de elas serem gêmeas fazia com que fossem ainda mais unidas. A Rayanne emagreceu e chorava muito, a ponto de a levamos ao médico e serem feitos vários exames. Ela não teve ciúmes, e tentávamos deixar as duas em contato. Depois, ela passou a defender a irmã, quando perguntavam se era um homenzinho, por causa do cabelo curto”, conta.

Se Rayanne não sentiu ciúmes, há crianças que, além disso, ainda constroem dentro de si um sentimento de abandono. “Meus pacientes, muitas vezes, são os irmãos de quem está com câncer, porque percebo que eles estão precisando mais de uma ajuda psicológica. Em alguns casos, eles se

Simplicidade

É preciso usar termos simples para explicar a doença. Esconder nunca será o melhor caminho. Por menor que seja, a criança vai saber que algo está diferente. Se não for informada, ela pode fantasiar o pior dos problemas, ou até mesmo imaginar que não se comportou direito e causou a doença dos pais. Haverá sempre a necessidade de criar um ambiente de confiança entre todos da família.

Rotina

A criança que está com câncer não deve perder o contato com os amigos de colégio. Quanto mais ela mantiver sua antiga rotina, melhor. Sempre que puder, chame os amigos para visitar, explicando sempre o real estado e o tratamento pelo qual ela está passando. A criança não poderá correr ou se esforçar muito, mas outras brincadeiras devem ser mantidas, como desenhar ou ver filmes em casa com os coleguinhas.

Como agir?

Receber o diagnóstico de câncer é, já de imediato, prever uma reorganização familiar. Se um dos pais estiver doente, além de enfrentar os medos, as incertezas e os sofrimentos do tratamento, ele também terá que ajudar os filhos a encarar essa mudança de realidade. Já quando a doença acomete a criança, os pais precisam pensar em soluções para evitar que o filho fuja demais de sua rotina – e ainda devem manter a união da família, sobretudo quando há outros filhos.

Confira algumas dicas de como se portar nesses momentos difíceis.

Criatividade

A criança pode participar de todo o processo de tratamento dos pais de forma natural. Ela precisa ser envolvida, mas de maneira simples. Por exemplo, ajudar na colocação de curativos ou escolher um acessório. Pode-se fazer perguntas como “A mamãe vai usar peruca durante um tempo. Vamos escolher?” “Você gosta mais de vê-la de peruca ou com o lenço?”

Informação

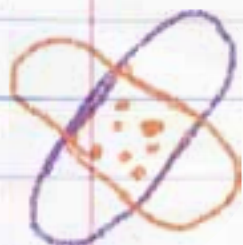
A criança tem que ser informada do tratamento, seja dela ou dos pais. O importante da conversa é que seja em um momento tranquilo e de forma honesta, respeitando a idade e o nível de entendimento dela.

União

O irmão do paciente com câncer deve se sentir incluído. É importante que os pais estimulem a amizade entre eles, levando o filho que está saudável para visitar o irmão doente, deixando-os brincar e dando muito carinho aos dois.

Individualidade

Se na família houver filhos com diferença de idade, dependendo do nível de entendimento de um e do outro, a conversa pode acontecer separadamente. Assim, a mensagem vai ser transmitida na linguagem em que cada um possa entender, e os pais poderão prestar mais atenção na reação de cada filho.



sentem sozinhos. Os amigos e vizinhos começam a dar presentes para o irmão doente, e os pais passam a dar mais atenção e dedicar mais tempo para a ele”, relata Letícia. Segundo ela, todos devem tentar incluir o irmão que está saudável no esquema familiar alterado e mostrar que, mesmo com a mudança, ele permanece integrado. “É importante envolver e estimular a fraternidade nesse momento. Não se pode deixar de lado os momentos de amor, de carinho e até de lazer da família”, enfatiza Letícia.

APRENDENDO A PERDER

A estudante Luíza John, hoje com 17 anos, tinha somente 4 quando viu a avó ser vitimada por um câncer no pulmão. Dona Nagilé, que também tinha diabetes, ajudava a tomar conta da neta, enquanto a mãe da menina trabalhava como professora. Aos poucos, a avó perdeu as condições físicas, e a convivência com Luíza foi diminuindo, até dona Nagilé ir para a casa da filha mais nova e nunca mais voltar. Luizinha, como era chamada por todos, percebia a doença, sabia que algo estava errado, mas não entendia o motivo que acabou levando a avó “para o céu”. “Não sabia nada sobre câncer. Minha mãe falava que ela [dona Nagilé] tinha morrido por causa do cigarro. Minha avó fumou durante um tempo.

“Tudo aquilo doía muito em mim. Existe preconceito. Ela tinha que usar máscara, e eu via que as pessoas se afastavam, com medo de pegar alguma doença, quando era ela que não podia pegar nada. Era muito difícil explicar tudo aquilo. Ela não entendia por que estava sem os cabelos. Falava que o sonho dela era fazer uma trança”

LUCIANA VIANA, mãe de Raíssa



Fotos: arquivo pessoal

Luíza tinha consciência de que a avó (na foto ao lado, com a neta no colo) enfrentava um problema de saúde

Raíssa era informada pelos pais sobre sua doença, embora não compreendesse bem o que se passava



Depois, quando fui crescendo, passei a associar o cigarro à doença que leva à morte”, lembra.

O oncologista Tiago Kenji, do Hospital Santa Paula, de São Paulo, fala que o diálogo sobre o câncer e o esclarecimento do estado de saúde do paciente são necessários. Para isso, segundo ele, os pais devem avaliar o nível de entendimento da criança. “Em geral, elas sabem que os familiares estão em tratamento. Meus pacientes costumam contar, e a nossa posição é de que a criança saiba da situação. Existem formas para tentar abrandar a notícia, tentando falar de uma forma carinhosa. Sobre deixar a criança ver o pai ou a mãe no hospital, é preciso ter cuidado. Somente após uma avaliação médica e psicológica essas visitas podem acontecer”, opina.

Letícia também considera o acolhimento da criança fundamental nessas horas. “Quando se falar em momentos terminais, pode-se até pensar em iniciativas que promovam instantes de prazer entre a criança e a pessoa querida, como visitas ou despedidas. Mas existe hora certa para isso. Não é no início do tratamento”, diz.

Coincidência ou não, Luíza se tornou uma adolescente muito preocupada com os hábitos saudáveis. Além da rejeição ao cigarro, ela é adepta da alimentação natural, adora chá de camomila e sempre aconselha a irmã mais velha e os primos a evitarem qualquer tipo de exagero. Luizinha completou 5 anos cerca de duas semanas depois que a avó morreu, e obedecendo a um pedido dela, comemorou seu aniversário. Um pouco antes de partir, dona Nagilé expressou o desejo de que tudo permanecesse igual, seguindo a rotina de alegria de seus quatro netos. É preciso proteger a infância. ■